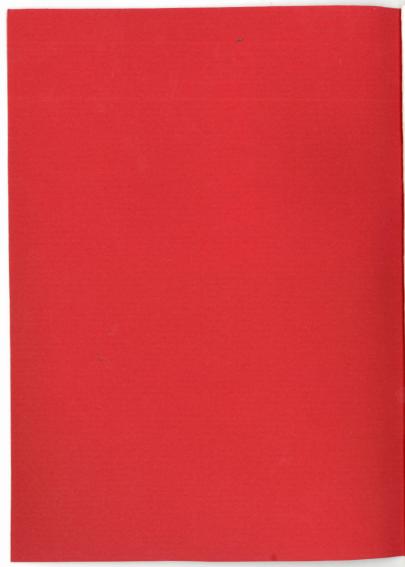
UM PEQUENO CONTO PARA UM GRANDE ASSALTO

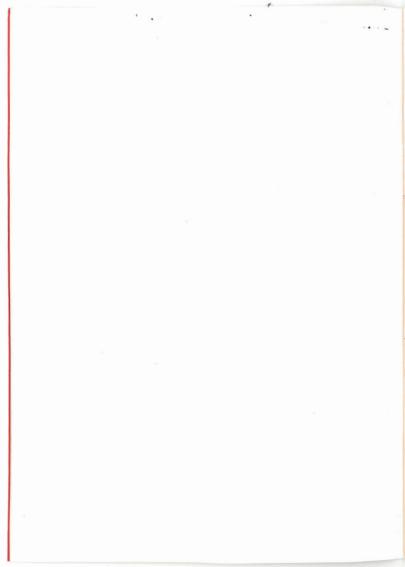
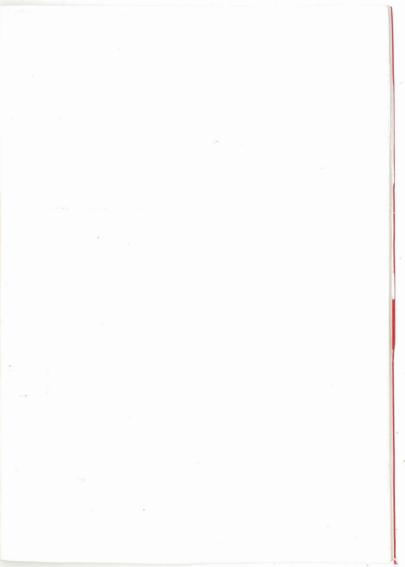
PAULO ALVES

UM PEQUENO CONTO PARA UM GRANDE ASSALTO

Rio de Janeiro, 2015

Revisão:
Conrado Gonçalves
Capa:
Acervo Internet
Criação de Arte:
Selo Editorial Outras Dimensões

rio de janeiro, 2015

Até onde foi aqui
com o vento desse coisa
Um pequeno conto
para.

Marcos Assis.

Aqui estão os loucos. Os desajustados.
Os A rebeldes. Os criadores de caso.
Os pinos redondos nos buracos quadrados.
Aqueles que veem as coisas de forma diferente.
Eles não curtem regras.
E não respeitam o status quo.
Você pode citá-los, discordar deles,
glorificá-los ou caluniá-los.
Mas a única coisa que você não pode
fazer é ignorá-los.
Porque eles mudam as coisas.
Empurram a raça humana para frente.
E, enquanto alguns os veem como loucos,
nós os vemos como geniais.
Porque as pessoas loucas o bastante
para acreditar
que podem mudar o mundo,
são as que o mudam.

Jack Kerouac

Ei! Agora eu to lembrando. Estava realmente tramando alguma coisa naqueles dias, coisa grande de verdade, pra dessa vez pagar a conta de luz e, ahhhh Uhhhh! voltar a ser filho de Deus. Poder acender a lâmpada e folhear meu gibi do Mandrake no banheiro ou, antes de dormir, ler um exemplar da Scientific American, sabe como é? Ficar por dentro das células tronco, me tornar um sujeito inteirado nessa de nanotecnologia. Finalmente ficar tranquilo pra pensar em outras coisas, coisas realmente importantes, como voltar à casa do velho amigo e deitar na rede de saquarema fora da temporada, passar dias queimando churrasco, batendo em mosquito e preparando drinks tropicais pro café da manhã, com os nossos comentários vazios sobre todas as gatas e tudo a respeito de políticas internacionais que se tem pra comentar no café da manhã de saquarema. E talvez sentir qualquer soprinho de paz ainda capaz de soprar nesse planeta metidinho a besta. E eu sei que to me repetindo com toda essa estória de conta de luz, não leve a mal, não sei quanto a você, mas é que esse pombo imundo insiste em cagar todos os meses na porta da minha casa e, pergunto eu, me fazendo de idiota, será que a casa de um homem não deveria ser mais sagrada que a própria bíblia? E mesmo assim, não importa se já paguei muitas vezes a mesma conta, ela vai continuar chegando todo santo mês na minha porta, se eu não pagar eles cortam e, se eu pago,

ela continua chegando como um anjo da morte brincando de levar minha alma pra lá e pra cá. Simplesmente todo o dinheiro que conseguirem arrancar de mim nunca será o bastante, ou seja, nunca possuirei luz própria. E o legado de um homem, enfim, se tornou passar a vida inteira pagando contas, afirmando o seu caráter íntegro, e lustrando sua honestidade impecável feito um satélite mórbido orbitando sempre em círculos na escuridão, ou no inescrupuloso aluguel de uma possível migalha miserenta de luz. Portanto, acredito mesmo que quando um dente dói Deus esta lá, dentro daquele dente, você pode até fantasiar alguma outra leitura cósmica da realidade, afinal você também pode ser um escritor com testículos enormes e uma imaginação bastante fértil, sério, quase não é um macaco pelado. Mas não pode de jeito nenhum fugir do juízo escroto desse molar arrogante apodrecendo dentro da sua boca e lhe infligindo dor. Olha, a essa altura do campeonato não nos colocaremos no ridículo de pôr culpa nas estrelas, porque você sabe, saímos do mesmo buraco, certamente sua mãe o advertiu muitas vezes de não esquecer de escovar os dentes sempre após cada refeição pra agora, por exemplo, não ter que carregar esse problema medieval no seu queixo estúpido, ou até se dedicar aos estudos mesmo, nada de mais não? Se casar e constituir uma família carregando o valor do trabalho duro, nada mal. E que tal honrar sempre suas dívidas com o estado e a sociedade? Bom, depois desse ponto só resta pro

autor o cinismo, ahhhhhhhh ahhhhhhhh uhhhhhhh, como é bom, mais do que nunca enxergo com clareza que escrever não tem nada de sublime, escrever é uma terapia esnobe disfarçada como arte para os covardes. Vamos ousar algum estilo. O que acha de assaltar um banco? Bla BLA ninguém pode te condenar moralmente por isso, os riscos são muitos, mas é claro, esse é o tipo de aventura na juventude que realmente vale a pena, muito mais lúcido e corajoso do que se entupir de drogas ou derrubar florestas nativas pra abarrotar ainda mais prateleiras com livros inúteis que ninguém vai ler. Mas, cuidado crianças, não tentem isso em casa, o Al Pacino tá certo (se não me engano em o Pagamento Final), "não se aprende certos truques depois de adulto". Não basta assistir todos os filmes de gangster italianos e vender de vez em quando um baseado pra seus amigos e, Plim! você é um bandido. Não, infelizmente não funciona assim. Um bandido já nasce com um anjo torto a sua espreita, ele carrega a marca de Caim em sua fronte, mas o principal, a saber, é que um bandido precisa de inspiração. Eu até que tentei, fui atrás das pessoas mais inspiradas que conheço, a turma dos zines na Candelária, os poetas de rua meus melhores amigos. Bom, é ali que eles têm se reunido ultimamente, algumas vezes na Cinelândia, raramente Botafogo, mas quase sempre Candelária, e foi mais ou menos assim...

- Talita você vai seduzir o primeiro segurança que fica perto da porta giratória, enquanto isso o Garça entra em cena com o 3 oitão, a única arma que temos, portanto ele vai ter que ser rápido e se aproximar da atendente no balcão, discretamente sacar a arma, passar pra ela a mochila debaixo da mesa pedindo em voz baixa que, por gentileza, preencha cada um de seus compartimentos com notas de 50 e de cem, priorizando claro as de cem. - Mas, peraí tem mais um guarda nessa agência, não tem? - Perguntou sagazmente o Magal, de longe o mais esperto dessa trupe de amadores no crime. - Sim claro ele fica perto do banheiro, você que terá sido o primeiro a entrar, vai sair de lá golpeando-lhe a cabeça a vassouradas e antes que pergunte, Magal, creio que não terá dificuldade alguma de encontrá-la no banheiro. - Encontrar quem? - pergunta o gênio - a vassoura, Magal, a vassoura. Notei agora que todos me olhavam com certa desconfiança e ao meu plano, todos menos o Garça que surge quebrando o breve silêncio me atribuindo generosamente algum esforço de credibilidade. - Eu acho que pode dar certo, mas não entendo porque tenho que ser eu a dar voz de assalto. Então tentei explicar ao nosso gigante curitibano que confiei a ele tarefa de tamanha responsabilidade, por se tratar do único entre nós a, pelo menos, ter dormido certa vez na cadeia, mesmo que por furtar uma garrafa de bebidas (isso é claro é outra estória).

Quero dizer que é sua, quase solitária, a missão de impor respeito ou algum temor ao grupo. - Ele logo rebateu: - Mas não tenho cara de assaltante de banco. - E ai de repente Rocha decide falar, brilhantemente, por sinal. - É gente, Garça tem cara de hippie ao mesmo tempo meio Gonzaguinha, o que é muito bom, acho que ninguém vai desconfiar dele. - Genial, Rocha, vamos inclusive vesti-lo como um bobalhão, irão pensar até que você, Garça, estuda no IFCS, perfeito. Mas não houve jeito de convencer o Garça. - Tudo bem (eu falei), o revólver fica comigo, Garça ajuda Talita com o guarda na giratória, Rocha e Madalena do outro lado da rua tomando umas no boteco. Se a polícia chegar, liguem direto pro celular do Magal que automaticamente saï do banheiro cantando A Punk, - Cantando o quê? - Pergunta ele - A Punk, do Vampire Weekend. - Respondo em vão para vê-lo levantar a sobrancelha - não conheço, pode ser... - Ele discorda constrangido - qualquer música, na verdade fique a vontade Magal.

Eis que nasce o grande dia. Engulo um copo requentado de café e caminho durante uns quarenta minutos debaixo de um sol fodido do caralho e penso, a questão não é ser independente e trabalhar com fanzines, não mesmo, chato é morar tão longe. Tudo bem, já estou no centro de Nova Iguaçu, longe de quase qualquer lugar, porém perto do almoço no

garotinho (restaurante de um real) e perto do trem. Chego uma hora e meia depois no Rio e dou início aos trabalhos. Não sou o primeiro, encontro de cara com Magal, de longe o mais pontual nessa gangue de famigerados e ele não perde tempo, mal nos cumprimentamos sob a vasta dimensão atemporal da Cinelândia e o psicopata começa a tagarelar na ventania: - Então, estive pensando a noite inteira na minha função e preciso saber, meu caro, o que o senhor acha de algumas pequenas mudanças. Só um instante Magal, estou preocupado com o resto do grupo, eles já deveriam estar aqui, acho que ficou bem claro na internet: "em frente à biblioteca nacional". Acendi um cigarro quando apareceram Rocha e Madalena, abri um sorriso enorme, estes são os que vieram de mais longe, e bota longe nisso (Cachoeira de Macacu, tá bom pra você?), mas logo em seguida surgem Neto e Milton, que desde o início se negaram a participar do plano. Claro, não esperava nada diferente, Milton tem filhos e esposa, veio de Ouro Preto, Minas Gerais, pra se dedicar a sua arte em tempo integral, escrever, desenhar, editar, publicar e beber todos os dias no Rio de Janeiro. Aliás, não se importando em variar comportamento, foi ele o primeiro a destilar suas ironias - E aí futuros amigos milionários, já sabem o que vão fazer com essa fortuna toda? Em seguida foi a vez do Neto: - Gente vocês não acham que estão indo longe demais com essa estória, eu não quero

ser pessimista, mas como vocês pretendem assaltar um banco com um trinta e oito velho que o Saulo arrumou emprestado na baixada? - mas Magal é rápido no gatilho e não deixa barato - Olha Neto, escuta aqui meu caro, a gente não precisa de arma, o mais importante é a estratégia e, nesse sentido, estamos muito bem munidos fique o senhor sabendo. - Nessa hora eles já estavam a um passo daquela sempre interminável e perigosa discussão entre os poetas que, com algumas doses a mais de birita na lapa, desastrosamente terminaria em tapas e cusparadas quando decidi interromper: - Já chega pessoal, vamos aguardar todo mundo e depois conversamos em outro lugar, isso não é assunto pro meio da rua, vou na banca de jornal comprar um café e já volto. - Meu Deus Neto tem razão, Neto tem razão. Enquanto observo a máquina de expresso trabalhar tão eficiente fico pensando, sabe esses sujeitos baixinhos e mau humorados tipo Joe Pesci em Os Bons Companheiros? O Nelson é assim só que preto e manco. Ele é uma mistura de conhecimento enciclopédico com memória fotográfica, verdade, uma mistura interessante. Apesar de pobre, ele jogou beisebol e foi um ótimo escoteiro quando moleque, o que faz dele uma criança bem diferente a se imaginar no subúrbio carioca no início dos anos noventa. Como eu, ele andava com garotos brancos na adolescência, com camisetas de rock, o típico nerd que no futuro trabalharia em alguma área da computação que

faria dele rico pra se vingar de todo buling na escola, isso se não tivesse tanta maconha na pista de skate do Méier, e se ele optasse por uma universidade ao invés de pegar carona com garotas de dezesseis anos pra conhecer a mítica cena punk de São Paulo. Isso se ele, mais velho, não se tornasse um artista plástico poeta e brigão, mancando, bebendo e cuspindo feito um legítimo pirata do centro da cidade, isso se a vida fosse um filme na sessão da tarde, mas vão se foder, eu roubei essa piada do Anti Herói Americano. De repente, quando volto da banca chega a Talita com seu elegante ar indiferente, senta-se nas escadas da biblioteca e puxa um cigarro, enquanto todos esperam em silêncio que responda nossa expectativa, mas ela quebra o silêncio perguntando: - Vocês viram o Garça? - O Milton, que retirava os livretos da bolsa, imediatamente cai na gargalhada, o Neto apenas faz aquela cara odiosa de quem lembra "eu avisei", e eu inutilmente retruco as palavras de nossa tão encantadora e jovem madame sulista, logo depois de xingar o pudim de cachaça mineiro, é claro: - Por que você não vai a merda Milton? - ele fica em silêncio como quem ignora, mas logo dá o troco: - Vai você seu pombo sujo. - Após darmos esse exemplo de maturidade me sinto bem em prosseguir enquanto ele vai abordar os transeuntes com nosso jargão preferido: "gosta de poesia?" E eu me viro pra Talita: - Mas o Garça não foi embora com você ontem a noite? O que foi que houve dessa vez,

meu Deus? - Conhecendo o casal, perguntei sim com os nervos já exacerbados, porém ela continuou com a sua típica emoção sutil: - É ele estava comigo, mas do nada resolveu comprar o cigarro de palha. Tudo começou porque ele ganhou uma garrafa de cachaça no ponto do ônibus quando estávamos indo pra casa. Faltava pouco pra última barca de Paquetá, o Garça viu o ônibus Praça 15 e queria recitar alguns poemas com a performance "a poesia pede passagem", o motorista dessa vez não deixou porque tinha câmera no ônibus, daí um velhinho no ponto viu tudo e falou que também era poeta, mas não escrevia, nunca frequentou a escola e sabia tudo de cabeça. O Garça, daquele jeito dele, cismou com o cara e ganhou essa pinga do sul da Bahia depois de uma longa conversa que foi de Manoel de Barros a Bezerra da Silva, passando por Jorge Amado, palhaço Carequinha e aquele filme do Flash Gordon. E eu pensei ter o convencido a só abrir em casa a bendita garrafa, o que vocês sabem não foi nada fácil, ele alegava ser uma indelicadeza com aquele velho bêbado e mentiroso que fedia a caninha da roça no ponto. Mas o que não consegui de forma alguma mesmo foi desfazer a maldita idéia de que precisávamos então de um cigarro palheiro para, segundo as suas próprias palavras, "assim apreciarmos devidamente o nosso requintado e folclórico presente gentilmente ofertado por esse homem, que é o verdadeiro espírito da Bahia", fiquei

esperando uma meia hora. O depósito de bebidas era bem ali, então quando veio outro ônibus eu peguei e fui-me embora. - Depois dessa não dava, desisti do Garça e da Talita e fui obrigado a, em cima da hora, refazer todo o combinado. Agora Rocha e Madalena cuidariam do guarda na porta giratória, eu ficaria no bar em frente fazendo a contenção e meu caro Magal efetuaria todo o assalto, isso apenas com uma vassoura já que ele não podia admitir a hipótese do Neto não estar de todo errado sobre o elevado grau de riscos em nossos planos, mesmo assim nada era capaz de me fazer desanimar com nossos objetivos e estava decidido em definitivo, naquela tarde tomaríamos a agência bancária de assalto. Mas Magal, claro, não podia se conter tão facilmente ao término da reunião: - Então, por favor, e a minha dúvida, meu caro? - Sim claro, pode falar. - É a música, fiquei pensando nisso a noite toda, pode ser Psycho killer do Talking Head? - Não acredito, Magal, do que você ta falando? A música pode ser até parabéns pra você, isso é apenas a porra de um código. - Taí uma pessoa que me surpreende. Magal apareceu como sempre aparecem garotos querendo vender seus escritos na rua, alguns duram dias, outros meses, mas sempre desistem, nunca acreditei que ele fosse durar. Imaginei que era evangélico, por causa da sua ingenuidade e seu jeito formal, não como os crentes de hoje, pagodeiros com dinheiro que adoram MMA e futebol, mas como era na minha

infância, pessoas simples que não queriam nem saber de política, pra se ter idéia era assim que eu o via. Mas aos poucos, ele foi ficando mais solitário e vendendo cada vez melhor seus próprios livretos, ganhando autonomia do grupo, ainda que não ganhasse o respeito. Mesmo hoje temos caminhos diferentes quando escrevemos, ele tá sempre cheio dessas palavras difíceis e sabichonas do Aurélio que só ele acha o máximo, mas, como dizer? admiro sua honestidade e toda a sua vontade, sempre penso nele como uma coisa meio Van Gogh, isso se o Van Gogh realmente não soubesse pintar, claro. Não, na verdade não, acho que a coisa do Van Gogh é somente da sua aparência física que me remete a isso.
Enfim faltavam apenas vinte minutos, eu aguardava no bar em frente da agência escolhida em Copacabana, um bairro onde coisas absurdas podem acontecer, onde o nosso espírito panaca acredita que tudo é natural. Eles estão demorando. Vou ficando cada vez mais angustiado. O que tá havendo? Então um moleque de seis ou sete anos que bebia coca cola do meu lado perguntou para aquela que, possivelmente, Sal Paradise descreveria como "super gata gostosa": - Mãe o que é alma? - Estava ansioso e um bocado aflito com toda a demora, lógico, mas não pude ignorar a pergunta, tão pouco a desinibida gata deliciosa que, ainda ajeitando o bikini do Vasco da Gama por

debaixo daquela blusa branca invisível, aquela que é provavelmente uma deusa suburbana em seu escasso dia de folga operária, responde pacientemente a criança. - Af, alma é a vida que tem debaixo da nossa pele, meu filho, foi deus quem colocou lá. - E alma faz mal pra gente igual lombriga? - Não, meu anjo, claro que não, deus não faria isso com a gente, agora bebe logo isso e para de falar besteira. Aí o garçom aparece e, sem tirar os olhos da super incrível bunda morena, me indaga: - Desce outra, patrão? - Não, não, obrigado, to só fazendo hora esperando alguns amigos. - Fico pensando naquele diálogo maluco, singelo, da mulher com a criança até meu devaneio ser interrompido por eles, Madalena e Rocha. Nossa, o Rocha, quem diria? Quando o conheci nas aulas da praia vermelha ele só falava coisas inteligentes sobre Modigliani e Shakespeare, muitas vezes reclamando da minha ignorância, com um jeito também formal, mas diferente do Magal, algo mais parecido com um caipira culto, do que um garoto inseguro. Lembro que ele tinha de estimação um inchaço debaixo das costelas que merecia até CPF, depois que casou, essa coisa foi diminuindo. Foi morar longe do centro do Rio e acho que não bebe mais tanto quanto antigamente, apesar da gente não se ver muito, fico feliz por ele, deve tá tendo mais tempo para escrever e, no final das contas, é isso que importa. Pois bem, como planejado eles

fingem que não me conhecem e entram na agência, a Madalena, professora de escola pública em Macacu, bonita, jovem e discreta, Rocha, magricela, quatro olhos vindo do Mato Grosso, figuras distintas que certamente atrairão cordialidade da segurança e mais, agora já posso ver que Magal não se atrasou, meu garoto lindo já estava aguardando dentro do banco, tudo ocorrendo feito o acordo. Então é isso, sabe quando tudo o que resta você abraça? Cheio de esperança, cheio de gana, e do pouco encontra o suficiente? Então não se iluda, o mundo sempre desaba, enfim, não sobram dúvidas, essa montanha não é somente um fardo demasiado pesado, mas também obstinadamente persistente a perseguir o alto dos meus ombros. Olhei para os céus e tive plena certeza, o morto que carrego todos esses anos é fatalmente um problema de ordem kármica. - Garça, filho de... Filho de Deus, o que você ta fazendo aqui? - Ele me olha como quem olha através, seu olhar de peixe morto reflete uma noitada regada a muita cachaça, aliás, ele ainda traz a garrafa com 3 dedos de pinga no sovaco, o outro braço puxa um pobre vira lata pelo barbante, para o qual ele desvia seus olhos e encerra os mistérios. Como em outros episódios, esquecendo o médico e revelando o monstro, vem as palavras de um Garça transformado: - Brisola, não se dê ao trabalho de falar com esse calhorda, ele não vale a

bosta que você larga pela cidade. - depois, voltou-se pra mim novamente, entregou a garrafa no meu peito de maneira a quase me obrigar abraçá-la e seguiu adiante, tropeço e determinado, na direção do banco. Nessa hora Madalena fez jus a fama de que, no geral, as mulheres são mesmo mais espertas que os homens e puxou Rocha pelas golas da camisa, mais uma vez o levando na direção contrária. Comigo pensei, melhor, a missão foi abortada. Foi quando escutei o primeiro disparo, BANG! Era Garça, que num esbarrão sacou a arma antes tão segura na minha cintura, aquela figura alta de braços e pernas compridas e o peito vermelho de cachaça e pimenta, com uma camisa de botões aberta cheia de coqueiros levantava a arma acima dos cabelos enrolados e embaraçados como se um morcego bêbado estivesse a horas tentando se soltar deles, disparou mais duas vezes, BANG, BANG e, assim, no meio da rua falou em voz alta: "Agora eu vou recitar um poema". Impossível saber o que passara na cabeça do Magal naquele momento, mas ele saiu distribuindo vassouradas pra todos os lados indiscriminadamente, tá que ele não acertou ninguém da segurança, mas a cena era tão medonha que os guardas nem se quer esboçaram reação e ele conseguiu escapar dessa. Garça como se não estivesse acontecendo nada, jogou a arma dentro de um bueiro que já estava aberto e de onde pulou um técnico da empresa de gás já em perfeito pinote, eu fui ao encontro de

Garça, talvez movido por um certo sentimento de culpa, o peguei e o agarrei pela cintura. - Garça, temos que sair daqui agora! - (escute, essas são palavras chave em situações extremas) e ele veio comigo, um pouco consentido, em parte arrastado. Paramos um táxi sabe-se lá deus como, o Garça ainda recitava seus versos berrando no meio da rua, inclusive entrou no carro a todo vapor ainda recitando "Porque pra mim poesia é coisa de viado, é coisa de quem não tem mais o que fazer, e se eu pegar meu filho com um livro de poesia eu mato ele!" - E por aí fomos nós, simultaneamente checando a ocorrência no local a viatura policial que chegou cantando pneus e de sirenes ligadas na contra mão. Dentro do táxi Garça ficou por um instante calado, contemplando o que talvez foi sua obra prima até que quase sussurrou - que lindo... Ali ele massageou seu ego, como um legítimo artista contemporâneo. E tudo estava surpreendentemente bem, redimidos pelo sol teimando em brilhar naquela tarde impossível, o saldo não podia ser melhor. Rocha foi salvo por Madalena, Magal, agora como um perfeito Dalí, escapou graças ao seu próprio surrealismo, e eu entregaria Garça inteiro pra Talita curar sua bebedeira em Paquetá. Minha conta de luz, tudo bem, ela pode esperar, venho de uma geração que já nasceu nas trevas mesmo e não vai ser por isso que todo mundo vai sair por aí atendendo o chilique nervoso de assaltar um banco. Mas não, não

termina assim, em volta da piscina do olimpo deve tá rolando uma baita farra, não tem ninguém olhando essa porra aqui em baixo, Alan Moore acertou no alvo, estamos vagando no espaço largados à nossa própria sorte, irmãos do caos com todo amor, mais uma vez desejo que vão se foder, se procura um culpado, deixa que eu entrego, a culpa é minha, e essa é toda a conspiração que existe. O taxista ainda estava tentando entender pra onde nós queríamos ir, o que eu também não fazia idéia, olho pro Garça e o desgraçado apenas abre a porta lentamente e me encara com um sorriso alucinado de quem enxerga a própria nossa senhora imaculada, pra logo depois deixar seu corpo cair do veículo em movimento. Não tive escolha, olhei pro taxista e falei: - Segue em frente e me deixa na próxima esquina que eu não tenho dinheiro pra lhe pagar. Foi complicado, mas ele depois entendeu e permitiu que eu fosse embora sem chamar a polícia. No dia seguinte, claro, aturei Neto e Milton me zoando um dia inteiro e lá estavam muitos outros do clube pra comemorarmos meu fracasso, ilustríssimo senhor Caetano Bafô, de Sampa, com seus poemas de quatro palavras e mil trocadilhos, Roberto, nosso amável e melancólico estudante de filosofia, César, o arauto, que escreveu odes a Dedé Santana, Boris Brasil, lenda viva do mimeógrafo, Salomão dos Montes, Dolores Vieira e algumas outras meninas da quadrilha de poetas, todos repartindo ou revezando o jornal que Flavio, o

pipoqueiro na Candelária, nos trouxe com a inacreditável manchete na primeira página.

"Poeta vira herói ao se jogar do táxi pra salvar cachorrinho no meio de tiroteio em Copacabana."

Ah ahhhh ahhhh uhhhhhh.

Mas não,
não termina assim, em volta
da piscina do olimpo deve ta
rolando uma baita farra, não
tem ninguém olhando essa
porra aqui em baixo, Alan
Moore acertou no alvo,
estamos vagando no espaço
largados a nossa própria
sorte, irmãos do caos com
todo amor mais uma vez
desejo que vão se
foder, se procura um
culpado, deixa que
eu entrego, a
culpa é minha,
e essa é toda a
conspiração
que existe .